

A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA ADVINDA DOS ENREDOS MIDIÁTICOS – UM JEITO DE SER MASCULINO¹

Maria Angélica Brizolari Pongeluppe²; Débora Raquel da Costa Milani³

THE HEGEMONIC MASCULINITY THAT COMES FROM THE MEDIATIC ENTANGLEMENTS - A WAY OF BEING MASCULINE

Resumo: Este artigo discute as manifestações sobre papéis de gênero e de sexualidade de meninos/as de cinco/seis anos de uma escola de Educação Infantil a partir de análise e discussão de cenas do filme Homem Aranha. Embora tal artefato seja o preferido dos meninos da turma, tal texto cultural, aqui concebido enquanto pedagogia cultural, dita modelos de conduta para meninos e meninas. Na fala dos meninos, ficou evidente o quanto internalizaram do que se apregoa como comportamento socialmente colocado como adequado aos homens: a valentia, a imposição da vontade a qualquer custo, a condição da mulher enquanto necessitada da proteção masculina, entre outros que definem a masculinidade hegemônica. A professora da turma reconhece ser necessária formação para instrumentalizar o corpo docente a tratar da temática sexualidade e que, por não saber como lidar com algumas situações que ocorrem, acaba por agir por instinto. Constata-se que a escola, devido ao despreparo dos/as professores/as, muitas vezes, atua de modo a reforçar alguns estereótipos. Utilizou-se, neste trabalho, as contribuições dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista de análise.

Palavras-chave: criança; sexualidade; masculinidade hegemônica; filme Homem Aranha

Abstract: This article discusses the manifestations about gender and sexuality roles of boys / girls of five / six years of a nursery school from analysis and discussion of scenes from the movie Spider - Man. Although such an artifact is preferred by boys of the class, such cultural text, here conceived as cultural pedagogy, dictates models of conduct for boys and girls. In the speech of the boys, it was evident how much they internalized what is claimed as socially placed behavior appropriate to men: valor, imposition of the will at any cost, the condition of women while in need of male protection, among others that define masculinity hegemonic. The teacher of the class recognizes that training is necessary to instrumentalize the teaching staff to deal with the issue of sexuality and that, because they do not know how to deal with some situations that occur, they end up acting by instinct. It is noticed that the school, due to the teachers' unpreparedness, often acts in order to reinforce some stereotypes. It was used, in this work, the contributions of Feminist Studies and Cultural Studies in a post structuralist perspective of analysis.

Keywords: child; sexuality; hegemonic masculinity; Spider-Man Movie

¹Artigo vencedor do Prêmio Araguari Chalar da Silva na área educacional. XVI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana – outubro de 2017.

²Mestre em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - ARARAQUARA Supervisora de Ensino – Prefeitura Municipal de Araraquara. e-mail: angelicabrizolari@gmail.com

³Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - ARARAQUARA Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP.

Introdução

Muito prazer! Foi um prazer conhecer você! Faça as coisas a seu bel-prazer. Tenho o prazer de te informar que... Prazer. Palavra que significa, segundo o dicionário Aurélio, sentimento agradável que alguma coisa faz nascer em nós, deleite, gozo, delícia. O substantivo pode ainda ser definido como gosto, desejo, alegria, contentamento, boa vontade, agrado. Sem dúvida, o significado da palavra remete-nos à positividade e à sexualidade.

Contudo, vale a pena discorrer sobre a sexualidade e qual seu significado. A Organização Mundial da Saúde a define como um aspecto central do ser humano que envolve não só o sexo, mas a identidade, os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em fantasias, pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações.

Pela definição acima, o prazer, no que concerne à sexualidade humana, embora esteja relacionado também ao gozo, ou seja, chegar ao ápice de prazer numa relação sexual, não se restringe a ele, mas o transcende. Com o perdão do trocadilho, tem relação com as relações. E as relações podem estar investidas tanto de positividade, como de negatividade.

Vamos nos ater neste texto, às relações entre os gêneros, entre o masculino e o feminino, que são complexas, múltiplas e variam conforme a cultura e o momento histórico. Elas permitem algumas adaptações para cada homem e cada mulher, a partir de histórias e de escolhas particulares. No entanto, a forma como homens e mulheres se comportam na sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que os/as ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social quanto ao modo como homens e mulheres devem se comportar, andar, falar, sentar, exibir seu corpo, brincar, dançar, namorar, amar, cuidar do outro etc.

Com base nos Estudos Culturais, que possibilitam examinar as práticas culturais pelas quais os indivíduos buscam a compreensão de si mesmos e do mundo que os cerca, pautamo-nos pela ideia da existência de uma pedagogia cultural, ou seja, de que a escola não é o único lugar onde os corpos são educados, moldados e governados. Existe pedagogia em diferentes instituições: na família, na igreja, na publicidade, no cinema, na televisão etc. São institutos que, de forma eficaz, ditam formas de ser homem e mulher na sociedade e, muitas vezes, produzem diferenças de gênero e reiteram o

sexismo.

O movimento feminista oportunizou a crítica aos modelos de dominação e subordinação da mulher, demonstrou as desigualdades sociais entre homens e mulheres, questionou as representações acerca do "ser mulher" e do "ser feminino", estudou o patriarcado e a heteronormatividade e vem demonstrando o caráter de construção social e cultural dessas representações numa sociedade misógina e sexista" (FURLANI, 2011, pp. 58-59). São relações entre homens e mulheres estabelecidas de tal forma, ao longo da vida, que impedem que sejam permeadas pelo prazer, ou seja, com contentamento, com agrado, com positividade.

Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa mais ampla realizada numa escola de Educação Infantil, da cidade do interior paulista de Araquara, envolvendo uma turma de cinco/seis anos - última dessa etapa de ensino. Discorreremos sobre os resultados de uma atividade desenvolvida a partir da análise de cenas do filme apontado como preferido pelos meninos da turma, Homem Aranha. Faremos uso, neste trabalho, das contribuições dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista de análise.

2 Desenvolvimento

2.1 A criança e a mídia

As crianças, cada vez mais cedo, têm tido acesso à chamada mídia de massa. Têm se distraído com aparelhos de televisão, com computadores e celulares dos mais variados modelos e acessado à Internet com a anuência dos familiares ou responsáveis e, quase sempre, sem a devida supervisão. Podemos dizer que são um complexo aparato cultural e econômico de produção e veiculação de imagens e sons, informação, interação, publicidade e divertimento. Veiculam e produzem significados que se relacionam com modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo e se posicionar na vida. Não se pode desconsiderar a importância política, social e cultural das mídias em nossas vidas. É imprescindível analisar o modo como os diferentes públicos interagem com tais recursos e quais construções simbólicas podem ser frutos dessa relação, especialmente nas crianças. Kellner (2001) evidencia que existe uma cultura veiculada pela mídia, cujos sons, imagens e espetáculos ajudam a enredar o tecido do cotidiano, governando o tempo de lazer, esculpindo opiniões políticas e comportamentos sociais e, assim, fornecendo material com que as pessoas forjam suas identidades. Nesse sentido, apregoa Hall (2005) que não nascemos com as

identidades prontas, elas são formadas e transformadas no interior da representação⁴. Assim, estão sendo agora, cada vez mais, deslocadas pelos processos de globalização. Alguns fatores característicos do ambiente da comunicação são a habilidade de brincar com a identidade e o distanciamento do tempo e espaço.

2.2 A mídia e a sexualidade

Viver plenamente a sexualidade humana não é algo fácil. Muito embora tenhamos avançado com discussões e ressignificações acerca da vivência do prazer, existem alguns aspectos que merecem ainda nossa atenção. Diferentes manifestações, acerca dessa temática, ocorrem por meio de instituições como a mídia.

Silverstone (2002) coloca, no capítulo intitulado *Erotismo* - de seu livro *Por que estudar a mídia?* - que "as indústrias da mídia estão equipadas para fazer vir o prazer, fácil e eterno." (p. 95). Ele discute a relação erótica que existe entre expectadores, leitores e audiências com os textos e eventos midiáticos que oferecem prazer e enfatiza o consumidor como lado de maior peso.

Muito embora a sensualidade, a excitação e outras formas eróticas sejam vieses da sexualidade presentes na mídia, de forma mais ou menos explícita, estas não são as únicas. Algumas manifestações são bem mais sutis e dirigidas aos variados públicos, que com ela, de alguma forma, interagem. Entre este vasto público, estão as crianças e, entre os diferentes aspectos, estão questões ligadas aos estereótipos de feminilidades e masculinidades, às questões de gênero.

2.3 Feminilidades e masculinidades - a dominância do masculino

Tratar sobre questões da mulher e da luta dos grupos feministas vai além de dar visibilidade à opressão sexista que recai sobre a mulher ao longo da história. A constituição gradativa do sentido do termo gênero e o rompimento com o pensamento dicotômico: feminino em oposição ao masculino; razão/sentimento; teoria/prática, etc implica pensar para além da questão simplista de homem dominante e mulher dominada, mas numa intensa relação histórica permeada nas e pelas relações de poder.

Louro (1997), em seus estudos, aponta que gênero deve ser entendido enquanto constituinte da identidade dos sujeitos e que, portanto, é impor-

tante conceituar o termo identidade. Diante dessa premissa, faz uma aproximação entre os Estudos Feministas e os Estudos culturais e aponta os sujeitos como portadores de múltiplas identidades que vão se transformando por não serem fixas ou permanentes, mas que podem, inclusive, ser contraditórias. Dessa forma, coloca que a sensação de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classe, de gênero, e outros - constitui o sujeito e faz alusão a Hall (2005) em sua afirmação que este sujeito pode-se perceber como se fosse impulsionado para direções distintas. Na medida em que afirma que o gênero constitui a identidade do sujeito (da mesma forma que etnia, classe, nacionalidade), infere que o termo é algo que ultrapassa o simples desempenho de papéis, mais que isso, gênero faz parte do sujeito, constituindo-o.

É importante estabelecermos distinções entre gênero e sexualidade e que esta não se refere apenas às palavras, às imagens, ao ritual e a fantasia, mas também ao corpo. Não é possível a compreensão da sexualidade considerando apenas seus componentes naturais. É importante dar sentido a eles por meio de processos inconscientes e formas culturais.

Nessa nova condição de sociedade, observa-se a necessidade de se interferir neste incômodo relacionamento entre a cultura popular e a pedagogia que molda nossas identidades. É o propõe Brady (2001) no sentido de intervir em currículos para que sejam eliminados quaisquer tipos de discriminação sexual, racial, de classe e outras práticas sociais opressivas. Concordamos que:

A pedagogia cultural corporativa "fez seu dever de casa" [destaque dos autores] - produziu formas educacionais de um incontrolável sucesso quando julgadas com base em seu intento capitalista. Substituindo as tradicionais palestras e deveres nas salas de aula e os deveres por bonecos com uma história, reinos mágicos, fantasias animadas [...] uma gama completa de formas de diversão produzidas ostensivamente para adultos, mas avidamente consumidas por crianças, a América corporativa revolucionou a infância. (Steinberg & Kincheloe, 2001, p. 15).

Belotti (1985), valendo-se de pesquisas em ambiente escolar, descreve algumas representações que, de certo modo, orientam crianças e jovens quanto a formas de pensar e de perceber o mundo. A autora coloca o que tradicionalmente é esperado de meninos e meninas. Eles são autônomos, dinâ-

⁴O termo representação é aqui entendido como um modo de produção de significados na cultura. Processo este que se dá pela linguagem e implica, necessariamente, relações de poder.

micos, seguros, solidários e, por outro lado, podem ser: barulhentos, agressivos, indisciplinados, desobedientes, negligentes, não dependentes de constância de afeto, aprovação e auxílio; não chorões. Elas são tranquilas, dóceis e servis, disciplinadas e obedientes, metódicas e cuidadosas, perseverantes, arrumadas e limpinhas, mas também podem: ser dependentes do conceito da professora e precisar de aprovação docente e ajuda constante; ser choronas e emotivas; ter fraco caráter; ser pouco solidárias com as colegas.

Obviamente, tais atributos são caricaturas, mas que revelam características tradicionalmente atribuídas aos meninos e às meninas, que definem o sexismo que atribuem, num mundo desigual, às mulheres um papel hierarquicamente inferior. Importante colocar a dinamicidade das relações de gênero e as transformações que ocorrem, nas formas que reforçam condutas similares e que são reiteradas diariamente como pano de fundo nas diferentes mensagens percebidas nos textos a que as crianças têm acesso.

Nesta linha, Christian-Smith e Erdman (2001) expõem o que evidenciou a colocação de Askew e Ross (1988, p. 2):

Existe uma construção dominante da masculinidade na imprensa e na mídia, representando os homens como valentões, fortes, agressivos, independentes, sexualmente ativos, inteligentes e assim por diante. [...] Os homens individualmente também ocupam posições ao longo de uma série contínua de ações: emoção, experiência-inexperiência sexual, arte esportiva e orientações manuais/esportivas. Essas localizações são intermediadas pela raça, etnia, classe, sexualidade e idade. Por exemplo, espera-se que os homens brancos de classe média usem suas mentes e sejam tão independentes e competitivos quanto fisicamente fortes. A masculinidade dos homens da classe trabalhadora branca e dos homens de cor é elaborada em torno da agressividade, da aspereza, da força física e das ações. (p. 208).

Os autores referem-se a este tipo de configuração como “masculinidade hegemônica”, em que se estabelece, numa “ascendência social”, num jogo de forças e que vai para além da disputa da força bruta dentro da organização da vida privada e nos processos culturais. A masculinidade hegemônica é

elaborada em relação às mulheres e à masculinidade subordinada. Entretanto, pode haver resistências à masculinidade dominante. Para muitos homens, ocorrem dificuldades pessoais e sociais em decorrência da pressão que sofrem para provar a masculinidade e ocultar certas vulnerabilidades.

A masculinidade hegemônica gera conflitos em especial para os homens mais jovens, pois não se espera que as crianças em geral manifestem tais características. Até agora, as subjetividades sexuais dos meninos são fortemente regulamentadas através de pressões, sejam de forma direta ou não para que eles comecem desde muito cedo a apresentar pequenas versões da hegemonia masculina.

2.4 A Pesquisa

O grupo de crianças, sujeitos da pesquisa, constituiu-se de meninos/as cujas com idades entre cinco e seis anos. Eram alunos/as da última etapa da Educação Infantil de uma unidade de ensino da Rede Municipal da cidade paulista de Araraquara, sendo oito meninos e 11 meninas, totalizando 19 crianças. A professora da turma, chamada Júlia⁵, na ocasião do trabalho, com 30 anos de idade, há 10 exercia a docência, dos quais, os últimos dois anos, como professora naquela rede de ensino e naquele Centro de Educação e Recreação (CER).

O intuito da pesquisa foi averiguar a exposição de crianças à mídia, em suas diferentes veiculações, bem como analisar os reflexos, na escola, dessa exposição quanto à sexualidade desvelando as percepções da docente acerca dessas manifestações.

No início da investigação, apuramos quais eram as atividades preferidas das crianças quando estas estavam em suas residências, além de verificarmos a quais recursos midiáticos estavam expostos, nestes momentos, com que frequência os utilizavam e quais conteúdos acessavam. Em sequência, fizemos análise de alguns conteúdos pertencentes aos textos culturais acessados buscando identificar reflexos destes no tocante à sexualidade dos/as alunos/as.

Constatamos que o filme⁶ *Frozen – uma aventura congelante é o filme preferido das meninas*, já *Homem Aranha* é o longa metragem favorito dos meninos. Deter-nosemos, neste trabalho, à análise de *Homem Aranha*.

Para buscar respostas às nossas indagações iniciais quanto ao filme, fizemos uso de recursos da etnografia de tela⁷. Em seguida, elencamos algu-

⁵ Codinome escolhido pela professora.

⁶ Os filmes atuais do ano em que realizamos a pesquisa (2015).

⁷ “Etnografia de tela” é uma expressão utilizada por Rial (2005) para designar uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica.

mas cenas do artefato acima mencionado, que foram gravadas e apresentadas ao grupo de crianças. Posteriormente fizemos uma roda de conversa com o intuito de instigar a manifestação das crianças acerca do que tal referência lhes causam no tocante a questões que envolvem a sexualidade.

2.4.1 Filme *Homem Aranha*⁸

O enredo, de maneira geral, é marcado por diferentes momentos de violência com agressões físicas. Foram 12 minutos de gravação em que apareceram três cenas de briga: uma entre o protagonista e seu colega de escola, duas brigas entre o herói e seu oponente principal; duas cenas (dentre as várias) de momentos em que a mocinha (Mary Jane) é salva pelo herói e uma cena em que o tio de Peter o repreende por sua reação agressiva aos colegas de escola batendo em um deles. Avaliamos que tais cenas dariam base para boas discussões com as crianças considerando nossos objetivos iniciais. Assim como as demais atividades, esta também se deu na presença da professora, que viu a transmissão das cenas junto do grupo e esteve presente durante a roda de conversa.

Cena 1 – Briga na escola

Um rapaz da escola, Flash, tenta iniciar uma briga com Peter Parker devido a uma situação acidental ocorrida antes. Peter evita a agressão por algum tempo, porém cede às provocações do rapaz e briga, agredindo-o e o expondo aos risos dos expectadores.

Cena 2 – Conversa com o tio

O tio de Peter o adverte por ter brigado com Flash. Repreende o jovem por ele ter agredido o outro alegando que, apesar de seu oponente ter merecido, ele não devia tê-lo espancado. Colocou que só porque ele podia ter batido, não significa que devia tê-lo feito.

Cena 3 – Mary Jane é atacada

A jovem pela qual Peter é apaixonado, Mary Jane, é atacada num beco escuro por vários homens. O Homem Aranha chega e a salva, esmurrando todos eles. Ao final da cena, todos os homens ficam desmaiados no chão.

Cena 4 – Luta com Duende Verde

O Homem Aranha entra em luta com seu oponente, o Duende Verde. Este ataca o herói, que revida e vence.

Cena 5 – Mary Jane cai do trem

Mary Jane, durante um dos confrontos do Homem Aranha com o Duende Verde, cai do trem que estava em grande altura. A jovem passa por momentos de muita dificuldade, pois em diferentes situações corre risco de ir ao chão numa queda, mas isso não ocorre. Ao final, ela é salva pelo Homem Aranha.

Cena 6 – Confronto final

O Homem Aranha, em seu último confronto com o Duende Verde, descobre sua verdadeira identidade. Este tenta enganar o herói a fim de matá-lo, mas não consegue. Ao final o vilão é cortado ao meio por uma enorme lança.

Na data da realização dessa atividade,

Associando-se a ferramentas “próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações (BALESTRIN & SOARES, 2012, p. 89). A proposta é a de lidar com e explorar a indeterminação, as contradições e a provisoriedade dos sentidos na análise das imagens. É preciso considerar que o que se vê na tela é tão real quanto o que está fora dela. O cinema é um campo fértil para analisarmos os diferentes processos de significação envolvidos na manutenção, na construção e na desconstrução de determinados discursos.

⁸ Lançado em 2002, o filme da saga apontado como preferido é aquele cujo oponente do Homem Aranha é o Duende Verde. Nele, Peter Parker (Tobey Maguire) é um jovem estudioso que vive com seus tios, Ben (Cliff Robertson) e May (Rosemary Harris), desde que seus pais faleceram. Inteligente e com um grande interesse pela ciência, Peter tem dificuldade em se relacionar com seus colegas. Até que, em uma demonstração científica, é picado por uma aranha modificada geneticamente. A partir de então seu corpo é quimicamente alterado pela picada da aranha, fazendo com que o jovem possa escalar paredes e tetos, emitir pelos punhos um fluido ultrarresistente semelhante a uma teia de aranha e passe a ter um “sentido de aranha”, que o avisa sempre que há perigo por perto, além de incrível força e visão ampliada. Inicialmente Peter pensa em usar seus novos poderes para ganhar dinheiro, adotando o nome de Homem Aranha e se apresentando em lutas de exibição. Porém, ao permitir que um ladrão fuja por não considerar sua função capturá-lo, o fugitivo acaba assassinando seu tio Ben. A partir de então, ele decide não mais usar seus poderes para proveito próprio e sim para enfrentar o mal, tendo como seu primeiro grande desafio enfrentar o psicótico Duende Verde (Willem Dafoe), que na verdade é o empresário Norman Osborn, após ter sido exposto a um gás experimental, que lhe deu uma segunda personalidade e grande força física. A sinopse foi retirada do site ADOROCINEMA (2002).

estavam presentes 13 crianças, sendo seis meninos e sete meninas. Após assistirmos as cenas acima elencadas, fizemos a roda de conversa. Tal filme apareceu, como já mencionamos como preferência masculina. Os meninos, além de o terem assistido, vários tinham a fantasia do herói, outros não a tinham, porém a desejavam.

Os meninos apontaram gostar muito do Homem Aranha por vários motivos: *“Ele solta teia; Escala prédio; É rápido; Salva todo mundo; Ele tenta matar o do mal; Ele faz um golpe secreto.”*

Conversamos um pouco sobre a relação de Peter Parker com Mary Jane, e mencionamos as diferentes situações em que o Homem Aranha salva a vida da moça: uma em que ela é atacada por um grupo de homens, outra em que ela é vítima no ataque ao trem onde ela está e, por pouco, não cai de uma grande altura. Indagamos ao grupo se eles acham ser normal os homens, no dia-a-dia, salvar as mulheres de constantes perigos como ocorreu no filme. Entre as meninas, seis entre sete, acham que isso quase não acontece. Já para cinco entre seis dos meninos, essa é uma situação que ocorre no cotidiano, acham esta situação normal. Quando perguntados do que os homens costumemente salvam as mulheres, os meninos responderam: *“Dos ladrões; Dos perigos; Se ela cair, por exemplo; Se a mulher estiver em perigo, ele salva; Das coisas que fazem mal.”*

Neste filme, fica evidente o papel construtivo da mulher. A atuação da jovem Mary Jane restringiu-se a um estado de risco constante de perigo iminente em que a moça ficou dependendo da atuação do papel do herói em lhe salvar. Ficou declarado neste artefato que as características inerentes ao papel feminino são: a delicadeza, a docilidade, a afetividade, a solicitude, com visível subordinação e dependência do sexo oposto, bem como a constante busca pelo par romântico. As falas dos meninos refletem a clara visão que têm de que a mulher assume um papel de dependência do homem nas situações corriqueiras e que julgam ser necessário que

a mulher seja repetidamente protegida pelo homem. Da mesma forma que eles se posicionaram ao refletirem sobre o filme *Frozen*⁹, em que colocaram que a mulher precisa estar casada com o propósito de ter um homem ao seu lado para resolver as questões do cotidiano, fizeram-no ao falar sobre este enredo. É a mesma mensagem advinda de diferentes fontes que vão reforçando uma maneira sexista de estar, de ser e de atuar no mundo. Neste sentido, apregoa Moreno (1999):

As atitudes, o que está implícito, os gestos atuam da mesma maneira que a propaganda subliminar, usada às vezes de maneira subversiva no cinema e na televisão, emitindo mensagens das quais não somos conscientes, mas que são muito mais eficazes que as explicitadas e têm a vantagem de não precisar ser pensadas nem justificadas. (p. 16).

Sobre essa questão, quando indagada, pontua a Professora Júlia: *Sempre é o super-herói que salva a moça indefesa, não é? Sempre, sempre é o homem que está ali e a mulher que não consegue resolver nada sozinha.[...]. Acabam colocando a mulher como um ser frágil, indefeso e que precisa do homem.*

Interessante observar que, quando analisamos uma situação ou pensamos sobre alguns posicionamentos, podemos nos colocar, conscientemente ou não, de forma diversa ao que outrora pregamos. Na entrevista, ao analisar a maneira como Mary Jane é vista, a professora contesta o papel da mulher sendo construtivo. Alega que a mulher não pode ser vista como um ser frágil, entretanto, a docente, anteriormente, afirmou que é comum, em sua rotina, colocar que os meninos devem estar atentos para ajudar as meninas, salvá-las, se estas precisarem, serem cavalheiros.

Professora Júlia: Vocês [referindo-se aos meninos] estão aqui para ajudar, defender se precisar, não é? Matar o bicho se ele aparecer! Caso elas [referindo-se às meninas] peçam a ajuda de vocês. Não que elas precisem, mas, às vezes, elas vão pedir e vocês têm que

⁹ Trecho da pesquisa em que alunos e alunas se posicionam acerca do Filme Frozen – uma aventura congelante – ver PONGELUPPE, M.A.B. *A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade*. 2016. 238 f. Dissertação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.

estar ali para ajudar.

Na verdade, após a entrevista que fizemos com a docente, observamos que, ao longo do ano, com suas falas, a professora acabou por reforçar as diferenças entre os gêneros. Colocou cotidianamente as meninas em um plano em que devem ter prioridades em detrimento dos meninos, ao tomarem o lanche, ao entrarem no ônibus. Mencionou que os meninos precisam estar atentos para salvarem as meninas, se estas precisarem, *“mataram o bicho, se ele aparecer”*. Ao dar seu depoimento, expôs que não teve nenhuma disciplina, na universidade que abordasse a sexualidade, nem tampouco, fez algum curso após a graduação, seja em serviço ou fora dele sobre a temática. Apontou que faz cotidianamente o que acha ser o certo, o que acredita, enquanto pessoa, ser o melhor para as crianças nas questões que envolvem a sexualidade.

Professora Júlia: É! Eu acho que é difícil, porque fica solto, né? Cada um fala o que acha certo e o que valoriza. Se pegar uma professora feminista nunca vai falar isso, né? Ah! Imagina que vai falar que o homem tem que ser cavalheiro, né? Defender, ajudar. Vai falar totalmente o contrário. Então eu acho que vai da concepção da professora, no caso não é?

A colocação da professora é correta. No movimento feminista, o que se defende é a superação de qualquer tipo de hegemonia. Fala-se em equidade entre os gêneros. É importante um olhar atento para todas as relações: entre os homens e mulheres, de homens entre si e as de mulheres entre si. Daí a importância do gênero enquanto categoria útil de análise, não apenas às mulheres, mas aos homens e às diferentes formas de masculinidades existentes. Louro (1997) assevera que para a compreensão do lugar e das relações de homens e mulheres importa observar tudo o que se construiu sobre os sexos, não apenas seus sexos. Ao apontar que a mulher precisa ser salva, seja no filme, ou nas falas da docente, institui-se a mulher enquanto incapaz de cuidar de si, ou seja, nas relações de poder, inferior ao homem.

Em continuidade, colocamos ao grupo que as cenas do filme começam com uma parte em que o Homem Aranha é provocado por outro homem. Ele evita brigar por um tempo e depois acaba brigando e dando um

soco bem forte no outro homem. Indagamos se, na opinião deles/as, homem tem que brigar quando outro homem provoca. Complementamos apresentando algumas opções para que eles pudessem refletir sobre elas: *“Se alguém provocar um homem e ele não brigar, vai parecer que ele é medroso, covarde?” Ou o homem não precisa brigar porque ele não precisa provar nada para ninguém?* Todos os meninos acham que ele tem que brigar e apresentam as seguintes justificativas: *“Para mostrar que ele é bravo; Pra mostrar que não tá com medo.”* Já as meninas todas acham que ele não precisa brigar. Uma delas disse: *“Eles podem muito bem conversar.”* Imediatamente um menino afirma: *“Mas, ele provocou demais, derrubou a comida. Não tem jeito, não! Tem que brigar.”*

Em todos os artefatos analisados, observamos uma cobrança muito grande quanto ao papel que se espera que o homem assuma na sociedade. Neste filme, tão apreciado pelos nossos meninos, não foi diferente. Um posicionamento hostil do homem em relação a um outro homem, seja seu inimigo declarado, seja um colega de classe, uma atuação de salvador da mulher em diferentes momentos também ficou bastante evidente. O que chamou nossa atenção foi o quanto disso já foi internalizado pelos garotos. Evidenciaram que o homem precisa mostrar a coragem, a qualquer custo, nem que para isso precise brigar: *“Não tem jeito, não! Tem que brigar”*. Poderíamos aqui afirmar o quanto os diferentes discursos são eficientes e atíngem em cheio nossos pequenos ao dizer-lhes como atuar na sociedade de forma superior, hegemônica.

Embora saibamos que o movimento feminista favoreceu a crítica aos modelos de dominação e subordinação da mulher; demonstrou desigualdades sociais entre homens e mulheres, em várias questões, questionou as representações a respeito de *“ser mulher”* e do *“ser feminino”*, apesar dos avanços alcançados, foi possível observar, nos artefatos apresentados, a mulher assumindo papéis de subordinação em relação ao homem em vários aspectos. Este, por sua vez, mostrando que a força física, a agilidade, a agressividade e, em certa medida, a violência, são vias para a solução de conflitos.

Prothrow-Stith citado por Provenzo (2001) afirma que diferentes fontes midiáti-

cas procuram mostrar às crianças a graça na violência, a ver que ela é divertida e fonte de sucesso, que é a escolha primeira do herói da trama, é indolor, não causa culpa e é recompensadora. Ainda menciona que as crianças aprendem quando devem rir, embora o riso não seja resposta natural à violência. Elas aprendem porque outras crianças em volta riam, porque há uma sequência de risos, a música lhes diz quando rir.

Rememoramos com a turma uma das cenas em que Peter briga com o Duende Verde. Ao final dela, o vilão fala: *"Ninguém diz não para mim!"* Colocamos que um homem pode ouvir um "não" de um outro homem ou de uma mulher. Perguntamos: *"Neste caso, por exemplo, se ele ouvir de outra pessoa: Não quero; Não vou; Não concordo! Ele deve aceitar, ou ele deve insistir para o outro mudar de opinião e dizer sim para ele?"* As respostas apontaram que cinco entre seis meninos acham que o *homem não se deve aceitar o "não" como resposta*. Somente um disse que deve aceitar a opinião de outro. Já as meninas opinaram dizendo que todos os homens devem aceitar e respeitar a opinião dos outros.

Novamente, nesta cena, foi visualizado o papel do homem como detentor da razão em relação a outro homem. Ficou explícita a representação, na cena e na fala dos meninos, a masculinidade hegemônica, não só em relação à mulher, mas também em relação ao outro homem. Embora a dicotomia bem versus mal esteja bem representada neste filme, na cena em questão apontada às crianças, quem afirma *"Ninguém diz não para mim!"* é o vilão da história. Logo, o posicionamento dos meninos não se deu pelo fato de estarem em concordância com o herói. Ficou notório um posicionamento já definido, nos garotos, de superioridade do homem, seja este herói ou não, seja em relação ao sexo oposto ou a outra pessoa do mesmo sexo.

Conclusão

A sustentação no patriarcado apresenta às mulheres sérias consequências, mas também corrompe o desenvolvimento masculino. No currículo da cultura infantil, especialmente nos textos midiáticos – como aqui evidenciado nas cenas do filme Homem Aranha - os meninos são incitados, de diferentes manei-

ras, a terem as condutas patriarcais que lhes foram designadas por herança histórica a fim de demarcarem a realidade e obterem o máximo do privilégio de sua dominação sobre seus subordinados.

Não se pode negar que os meninos têm tido suas subjetividades sexuais como objetos de vigorosa regulamentação através de pressões sutis ou diretas para começarem, desde cedo, a apresentar as pequenas versões da hegemonia masculina (Christian-Smith & Erdman, 2001). Assim, muitas vezes, uma identidade é formada negando completamente ao jovem garoto possibilidades frutíferas de boas relações com outras pessoas.

As técnicas, na masculinidade hegemônica, envolvem evasiva, valentia, gritaria, e diferentes formas de agressão. As cenas do filme analisado apresentam tais técnicas e o herói assume várias destas posturas que são vistas pelas crianças como modelos a serem seguidos.

Entendemos que não há como separar mais o homem dos recursos tecnológicos existentes e nem tampouco as crianças. É importante conviver com eles. Contudo, há que se considerar seus conteúdos e problematizá-los, mostrando às crianças que as relações entre homem e mulher devem ocorrer de forma a superar qualquer tipo de dominação ou de dependência. Essa superação só ocorrerá por meio de mudanças nas mentalidades, por meio do entendimento dos mecanismos inconscientes da transmissão de verdades e de modelos os quais desejamos mudar. Nenhum outro local é mais adequado para tal propósito que no interior dos muros escolares.

As crianças, com a tenra idade. Expressaram falas que indicaram o quanto já foi internalizado dos estereótipos de feminilidades e masculinidades postos nos diferentes recursos midiáticos e, em alguns momentos, em discursos advindos da própria escola, cujo maior entrave, parece ser a falta de formação dos/as professores/as sobre a temática sexualidade, o que faz com que atuem segundo concepções que acham ser corretas.

Portanto nós, pais/mães, pesquisadores/as, professores/as, educadores/as das diferentes instâncias, temos que atentar para os modos simbólicos de representação através de imagens, textos, falas e ações. São significações que operam, de forma diversa e opos-

ta, de lutas sociais e de modos de contestação. Precisamos ainda estar atentos/as para não reproduzirmos nenhum modelo sexista ou estereotipado na relação entre os gêneros. É necessário que busquemos estabelecer a igualdade na convivência entre meninos e meninas desde a mais tenra idade para que possam estabelecer relações prazerosas e que, de fato, remetam à positividade.

Referências

- BELOTTI, E. G. *Educar para a submissão*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1985
- BRADY, J. Multiculturalismo e o sonho americano. In STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: A construção corporativa da infância* (pp. 339-352). (G. E. J. Bricio, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001
- CHRISTIAN-SMITH, L. K., & ERDMAN, J. I. "Mãe, não é de verdade!" Crianças construindo a infância através da leitura da ficção de terror. In STEINBERG, S. R., & KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: A construção corporativa da infância* (pp.201-216). (G. E. J. Bricio, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/prazer>. Acesso em 20 Ago. 2017.
- FURLANI, J. *Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2011.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade* (10a ed.). Rio de Janeiro: DP&A. 2005
- KELLNER, D. Beavis e Butt-Head: sem futuro para a juventude pós-moderna. In STEINBERG, S. R., & KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: A construção corporativa da infância* (pp.133-159). (G. E. J. Bricio, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997
- MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola* (Coleção Educação em pauta: escola e democracia). (A. V. Fuzatto, Trad.). São Paulo: Moderna. 1999.
- PROVENZO, E. F., Jr. Videogames e a emergência da mídia interativa para crianças. In STEINBERG, S. R., & KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância* (pp. 161-178). (G. E. J. Bricio, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- RIAL, C. S. Mídia e sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. In Grossi, M. et al. (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidade* (pp. 107-136). Rio de Janeiro: Garamond. 2005.
- SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* (M. C. Mota, Trad.). São Paulo: Edições Loyla. 2002.
- STEINBERG, S. R., & KINCHELOE, J. L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância* (J. E. J. Bricio, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Sexual health. Switzerland: WHO, 2007. Disponível em http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en/ . Acesso em 9 Set. 2017.